

RESENHA

BARTH, Hans-Martin. **Die Theologie Martin Luthers**. Eine kritische Würdigung. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 2009. 586 p.

Gottfried Brakemeier¹

Qual é a ajuda oferecida pela teologia de Martin Lutero num mundo radicalmente distinto daquele do século 16? Eis a pergunta mestra da obra de Hans-Martin Barth, professor emérito da Universidade de Marburg, Alemanha. Ela colhe os frutos de longos anos de pesquisa, dignos de serem apresentados também neste espaço. Um resumo em português encontra-se publicado nos “Estudos Teológicos”, conforme indicado abaixo². Uma igreja que se sabe comprometida com a herança do Reformador inevitavelmente terá interesse no assunto. Mas o que se pretende não é a simples confirmação confessional. Lutero conduz ao centro da própria teologia cristã (p. 29).

Isso não impede o autor a submeter o Reformador a rigoroso exame crítico. Com franqueza nada comum, são apontadas as falhas teológicas de Lutero. Referem-se não somente à sua áspera polêmica contra os judeus, à sua falta de compreensão para a religião não-cristã do islamismo, à sua atitude ambivalente na guerra dos camponeses e à sua fixação no ideário medieval dos demônios e das bruxas. Também no mais são evidenciadas as limitações de Lutero em termos exegéticos, eclesiológicos, sociopolíticos e outros. O autor está consciente do risco que isso significa. A revelação das fraquezas de Lutero poderia induzir a arquivar a teologia desse teólogo do século 16 e já não se ocupar com ela – o que aos seus olhos, porém, seria um grave erro (p. 100). As dificuldades de acessar a teologia de Lutero não deveriam obstruir a percepção da provocação que ela representa ainda hoje.

A tese é desdobrada em doze blocos temáticos. Mencionamos como exemplos a passagem do Deus oculto ao Deus revelado; a tensão entre lei e evangelho; e as explanações sobre a identidade do ser humano como sendo a um só tempo justo e pecador. O desenvolvimento dos temas exhibe o extraordinário conhecimento de causa do autor. Perguntas da atualidade constituem o ponto de partida para servir de parâmetro na reflexão sobre o pensamento de Lutero. Avaliações críticas concluem as análises. É claro que Lutero não responde diretamente aos problemas de hoje. Mas não é isso o que importa. Relevante mesmo é a pergunta pelo que persiste no vaivém dos tempos. Essa interrogante merece atenção especial no final da obra. Sob

¹ O autor é professor de Teologia Sistemática e Ecumenismo da Escola Superior de Teologia, São Leopoldo/RS. brakemeier@terra.com.br

² Cf.: A teologia de Martin Lutero num contexto global. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, ano 47, n. 2, p 123-144, 2007.

o título “Com Lutero para além de Lutero”, o autor pergunta pelo que permanece e pelo que deve ser abolido, pelo que vale a pena ser desenvolvido na teologia de Lutero e pelo que pode ser conectado existencial e globalmente. O autor sabe que nesse tocante nem tudo foi dito. A constatação não diminui a validade do propósito geral do livro.

À parte da crítica à teologia de Lutero, percebe-se o simultâneo engajamento do autor. Ele pretende compreender o que, porém, não equivale à incondicional aprovação. Desse modo se tornam impossíveis tanto o entusiasmo irrefletido com a obra do Reformador quanto a rejeição precipitada da mesma. Frequentemente Lutero é defendido contra mal-entendidos e distorções. As objeções levantadas contra ele são amplamente discutidas e testadas quanto à sua solidez. Desde sempre Lutero é personalidade controversada. A despeito de suas insuficiências teológicas, foi pioneiro em muitos sentidos. A concepção do sacerdócio geral de todos os crentes, por exemplo, desencadeou forças emancipadoras, inscrevendo-se por essa razão nos inícios da história da democracia. A obra de Lutero teve enormes impactos em seu tempo (p. 28). De acordo com o autor, ela teve principalmente efeitos poimênicos. A teologia do Reformador possui função terapêutica. Como tal, continua oferecendo “auxílio de vida” (“Lebenshilfe”, p. 547). Sua apreciação crítica não tem por objetivo a depreciação. Está a serviço da fé cristã consciente – no que está de pleno acordo com o espírito “luterano”.

O livro oferece enorme quantidade de preciosas informações. Embora a recente pesquisa sobre Lutero tenha produzido volumosa literatura, entre ela algumas importantes monografias sobre a teologia desse ilustre personagem, Hans-Martin Barth surpreende com novas descobertas. O autor demonstra habilidade na exposição de fenômenos complexos em linguagem fácil e acessível. Quem iniciou a leitura resiste em interrompê-la apesar da considerável extensão do livro. A fascinação dessa obra, porém, se deve principalmente ao método. Lutero está sendo colocado no foro da consciência moderna e deve responsabilizar-se perante ela. O autor não pretende “atualizar” a teologia de Lutero, ou seja, transferi-la do passado ao presente. O que lhe interessa é descobrir o proveito que ela poderia ter para a sociedade globalizada do século 21 (p. 549). Desse modo a leitura jamais se torna enfadonha. O que se quer não é a apresentação de uma mera herança histórica, e, sim, a verificação de sua prestabilidade atual. Deve-se reconhecer nisso uma inusitada aproximação à teologia de Lutero.

Exatamente nesse ponto, porém, se levantam também interrogações. Quem é o “ser humano de hoje” (p. 35) que apadrinhou os questionamentos críticos a Lutero? A visão da realidade é a do pluralismo da “sociedade secular” (p. 169), respectivamente da pessoa que se apregoa autônoma nos limites da imanência. A mensagem cristã deve ser anunciada sob as condições de um “etsi Deus non daretur” (p. 251). As estruturas mentais que outrora sustentavam a teologia de Lutero sumiram. Aplica-se isso a ideia de um juízo final, à realidade do pecado, à concepção do sacrifício vicário e expiatório de Jesus Cristo, entre outras. O universo conceptual das pessoas hoje é outro do que antigamente. Ninguém vai duvidar da procedência

de tais constatações. O autor tem em vista o assim chamado mundo “ocidental”. Sob tal perspectiva, sua interpretação de Lutero traz nítidos (e justos) traços contextuais.

Também em outras partes do mundo se manifesta o fenômeno da secularidade evidentemente. Ao lado do mesmo, porém, existem outras realidades. De um ponto de vista latino-americano caberia perguntar por uma possível reação luterana à religiosidade altamente emocional que predomina neste continente. A fé passa a ser secundária em relação ao sentimento. Busca-se a aventura religiosa e submete-se a religião à lei da utilidade. Como transmitir teologia luterana sob tais circunstâncias? É louvável a determinação com que o autor do livro coloca em pauta a relevância de Lutero no mundo moderno. Recusando-se a oferecer uma exposição meramente histórica da teologia de Lutero, ele a libertou do gueto histórico e mostra as dimensões pastorais. A obra não traz informação somente. Fornece impulsos para a reflexão. Um dos méritos dessa monografia sobre Lutero consiste em estimular a discussão e provocar às vezes até mesmo a discordância.

É impossível resumir numa resenha como esta a riqueza de tais estímulos. Mesmo assim queremos elucidar num exemplo concreto do que se trata. Não há como negar que a mensagem da justificação, cuja redescoberta significou para Lutero o ingresso no paraíso, perdeu plausibilidade em nossos dias. As preocupações das pessoas divergem das do século 16. Ainda assim há que se perguntar se a comunicação da justificação por graça e fé se prende de fato à mesma consciência de pecado que atribulava Lutero. Justificação tornou-se supérflua num mundo ateu? Hans-Martin Barth admite uma necessidade de legitimação existencial na esfera social, “o que corresponde a um propósito da antiga palavra da justificação” (p. 254). Mas ele constata que os recursos da legitimação, essenciais para qualquer ser humano, já não são esperados da teologia da justificação de Lutero. Por acaso existe incomunicação entre a justificação teológica e a social? Em que reside a diferença entre “legitimação” e “justificação”? No final de seu livro, onde o autor fornece valiosas pistas para a relevância atual da justificação, essa diferença é praticamente anulada (p. 547).

O assunto merece debate mais profundo. O ser humano deve justificar sua razão de ser perante a sociedade, mormente mediante comprovação de produtividade. Justificação é necessidade elementar do ser humano. Ela não pressupõe a fé em Deus. Pelo contrário, confronta com a pergunta pela autoridade competente para atribuir a razão de ser em última instância. Toda pessoa necessita da certeza de ser aceita, o que lhe garante o “direito humano”. A plausibilidade da mensagem da justificação, pois, independe do quanto as pessoas se sentem oprimidas pelo pecado. Comprova-o o próprio apóstolo Paulo, que se sabia livre de escrúpulos a esse respeito. Dizia-se irrepreensível em termos de justiça que há na lei (Fp 3.6). Justificação concretiza-se em grande número de variantes.

Algo semelhante vale com respeito à dignidade do ser humano, outro tema abordado por Hans-Martin Barth. A justificação por graça e por fé significa um escândalo nas favelas das megalópoles da América Latina, bem como em outros

centros urbanos deste mundo. Como fundamentar dignidade humana senão pela nobreza atribuída às pessoas mediante a criação à imagem de Deus e pela justificação do ímpio? Que o ser humano não teria preço e por isso dignidade, conforme assegura o filósofo Immanuel Kant, é desmentido pela experiência. Todo ser humano é comprável e por isso corruptível. O Deus justificador, porém, não impõe condição nenhuma ao conceder dignidade. No perdão dos pecados está implícita não somente a devolução da razão de ser como também a da dignidade perdida. Justificação certamente pretende ser “auxílio de vida” no sentido indicado acima. Simultaneamente, porém, quer “humanizar” a convivência humana e moldar estruturas sociais. Mas com tais raciocínios já iniciamos o diálogo, para o qual a presente apreciação crítica da teologia de Lutero motivou.

Além do exposto, haveria outras anotações a fazer. Tecnologia e globalização intercalaram-se não somente entre Lutero e as pessoas de hoje (p. 35). O mesmo vale com relação ao testemunho bíblico em seu todo. Porventura significará isso dependência do evangelho de determinada cosmovisão? A mensagem salvífica exige a permanente tradução para a linguagem da respectiva época e dos respectivos lugares. Ela precisa ser articulada “contemporaneamente”. Após a leitura da apreciação crítica da teologia de Lutero por Hans-Martin Barth, “existência luterana” tornou-se algo mais difícil. O autor empenha-se por um luteranismo “responsabilizado”, consciente, crítico. Estamos impedidos de simplesmente repetir a teologia do Reformador e cultuá-lo como um santo. É necessário seguir seu raciocínio e perguntar por seus propósitos, o que pode conduzir a outras conclusões do que aquelas tiradas por ele mesmo. E é justamente assim que ele permanece inspirador.

No continente latino-americano, que durante séculos havia fechado as portas ao espírito da Reforma, sente-se dolorosamente a falta de um “protestante” à semelhança de Lutero. Pode-se falar tranquilamente da necessidade de uma recuperação. Mas isso não será diferente no mundo secular, no qual Lutero permanece imprescindível, embora incômodo parceiro de diálogo. Quais são as “conquistas” de sua “revolução teológica”? O que está ultrapassado em sua teologia é uma coisa. Outra é o que ele mesmo aboliu em termos definitivos. Em tal ótica é de esperar que a teologia de Lutero, diante do espírito da modernidade e pós-modernidade, não permaneça na defensiva, mas que parta para a ofensiva, denunciando as patologias da sociedade global e contribuindo para a sua terapia.

Ninguém vai concluir a leitura da monografia de Hans-Martin Barth sem um profundo agradecimento. O espírito crítico poderá às vezes irritar. Mas o ganho é enorme, e confirmar-se-á o que o autor confessa com relação a si próprio, a saber, que a ocupação com Lutero sempre de algum modo faz bem (p. 27).

